

**O OBSTINADO
AMOR DE DEUS**

Brennan Manning

BRENNAN MANNING

O obstinado
amor de Deus

Traduzido por FABIANO MEDEIROS

 **MC**
mundocristão
São Paulo

*Copyright © 2003 por Brennan Manning
Publicado originalmente por NavPress, Colorado Springs, EUA.*

Algumas das histórias ilustrativas aqui incluídas são verídicas e foram reproduzidas com a permissão das pessoas envolvidas. Todas as demais ilustrações são reunidas de situações reais, e qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Os textos das referências bíblicas foram extraídos da Nova Versão Internacional (NVI), da Sociedade Bíblica Internacional, salvo indicação específica.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998. É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

*Diagramação: Luciana Di Iorio Revisão: Theófilo Vieira
Capa: Douglas Lucas
Diagramação para e-book: Yuri Freire*

*CIP-Brasil. Catalogação-na-Publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ*

M246o

Manning, Brennan O obstinado amor de Deus [recurso eletrônico] / Brennan Manning ; tradução Fabiano Medeiros. - 1. ed. - São Paulo : Mundo Cristão, 2018. recurso digital

Tradução de: The rabbi's heartbeat Formato: epub Requisitos do sistema: adobe digital editions Modo de acesso: world wide web ISBN: 978-85-433-0367-3 (recurso eletrônico)

1. Vida cristã. 2. Deus - Amor. 3. Livros eletrônicos. I. Medeiros, Fabiano. II. Título.

18-54145 CDD: 248.4
CDU: 2-4

Categoria: Espiritualidade

*Publicado no Brasil com todos os direitos reservados por: Editora Mundo Cristão
Rua Antônio Carlos Tacconi, 69, São Paulo, SP, Brasil, CEP 04810-020
Telefone: (11) 2127-4147
www.mundocristao.com.br*

1ª edição eletrônica: dezembro de 2018

sumário

Introdução

Primeira parte: Vivendo de forma verdadeira

- 1. Em segurança*
- 2. Amado*
- 3. Perdoado*
- 4. Médicos feridos*
- 5. O impostor*
- 6. Gente como a gente*
- 7. Solitude*

Segunda parte: Vivendo enraizado no amor

- 8. Adotado*
- 9. Estilo de vida radical*
- 10. Perfeito amor*
- 11. Sobre sermos como crianças*

Terceira parte: Vivendo sob a graça

- 12. A fé da ressurreição*
- 13. A liberdade da ressurreição*
- 14. Repartindo a água da vida*
- 15. Espinhos e abrolhos*

Quarta parte: Vivendo pelo coração

- 16. Recuperando a paixão*
- 17. Buscando aprovação*
- 18. Sendo e fazendo*
- 19. Morte e vida*
- 20. Reconciliação*

Abreviaturas

O Mestre não nos quer perfeitos, apenas verdadeiros. Ainda assim, às vezes é tão grande nosso esforço por agradar a Deus e por impressionar as pessoas — tão decididos estamos a ser os cristãos perfeitos —, que vemos nossa energia sugada e nos mortificamos em razão de nossa exterioridade escorregadia e de nossa hipocrisia interior. Sentimo-nos perigosamente frágeis, tão inertes e infrutíferos como a árvore no rigor do solstício de inverno.

Precisamos de uma transfusão de origem divina. O coração do Mestre bate por nós, não contra nós. Ele sempre arrancará o verde falsificado e a esterilidade de nossa hipocrisia, mas jamais quebrará o caniço rachado (cf. Mt 12.20 e Is 42.3) de nossa vida despedaçada. Os ramos deixados ao longo do caminho nunca são arrancados em consequência de sua repulsa, mas sempre constituem parte de sua cuidadosa poda.

Por isso, venha e, com Brennan, escute as batidas do coração do Mestre. Aproxime-se da realidade cálida daquilo que sua encarnação e ressurreição podem significar na rotina de sua vida. Sinta a vitalidade que retorna à alma quando você se aceita, recebe o amor do Mestre e se deleita com sua graça.

“Eu resseco a árvore verde e faço
florescer a árvore seca.”

Ezequiel 17.24

introdução

"Vejam como é grande o amor que o Pai nos
concedeu: sermos chamados filhos de Deus,
o que de fato somos!"

1João 3.1

“Nenhum pensamento o pode conter; nenhum vocábulo o pode exprimir. Ele está além de tudo o que possamos racionalizar ou imaginar.”

B. Manning

“Eu vim para que tenham a vida e a tenham em abundância.”

João 10.10, BJ

O enigma sombrio da vida é iluminado em Jesus; o significado, o propósito e o alvo de tudo o que nos sucede, e como fazer que tudo valha a pena só podem ser aprendidos com o Caminho, a Verdade e a Vida. Nada que exista pode existir fora dos limites de sua presença; nela nada é irrelevante, tudo adquire importância.

A tristeza de Deus reside em nosso medo dele, da vida e de nós mesmos. Como o pai que acolhe os filhos nos braços ao fim de um dia longo e cansativo, assim Deus anseia envolver-nos em seu abraço. Qualquer que tenha sido seu passado ou presente, venha; recline-se no abrigo do amor que ele oferece e escute o pulsar do coração do Mestre. Permita que ele lhe ensine sobre a vida, sobre a morte e sobre a eternidade como filho querido de Aba. Sem titubear, enxergue-se como realmente é. Então observe quem você está destinado a ser à medida que transita pela terra como filho de Deus nesta jornada chamada “vida”.

primeira parte

Vivendo de forma verdadeira
“Não tente segurar a mão de
Deus; deixe que ele segure a
sua. Deixe que ele cuide do
‘segurar’ enquanto você se
concentra no ‘confiar’.”

H. William Webb-Peploe

*“Eis o meu segredo. É muito simples: só se vê bem com o
coração. O essencial é invisível para os olhos.”*

Antoine de Saint-Exupéry¹

capítulo 1

Em segurança

“Abandone de vez suas pontuações e renda-se com toda sua pecaminosidade ao Deus que não leva em conta nem os pontos, nem aquele que os marca, mas vê em você somente um filho, remido por Cristo.”

Thomas Merton

“A vida em torno do falso eu gera o desejo compulsivo de apresentar ao público uma imagem perfeita, de modo que todos nos admirem e ninguém nos conheça.”

B. Manning

Adão e Eva esconderam-se, e acabaram tornando-se nosso modelo de comportamento. Deus então nos convida a parar de nos esconder e a correr livremente para ele. Por que nos escondemos?

*Simon Tugwell assim explica em seu livro *The Beatitudes* [As bem-aventuranças]:*

Ou fugimos da nossa realidade, ou forjamos um falso eu na maior parte admirável, suavemente cativante e superficialmente feliz. Por trás de alguma espécie de aparência que, esperamos, mostre-se mais agradável, ocultamos o que sabemos ser ou sentimos ser (aquilo que imaginamos ser inaceitável e não amável). Ocultamo-nos por trás de rostos bonitinhos, que vestimos em benefício do nosso público. E com o tempo podemos até esquecer que estamos nos escondendo, começando a pensar que o rostinho bonito que assumimos é como realmente somos percebidos.²

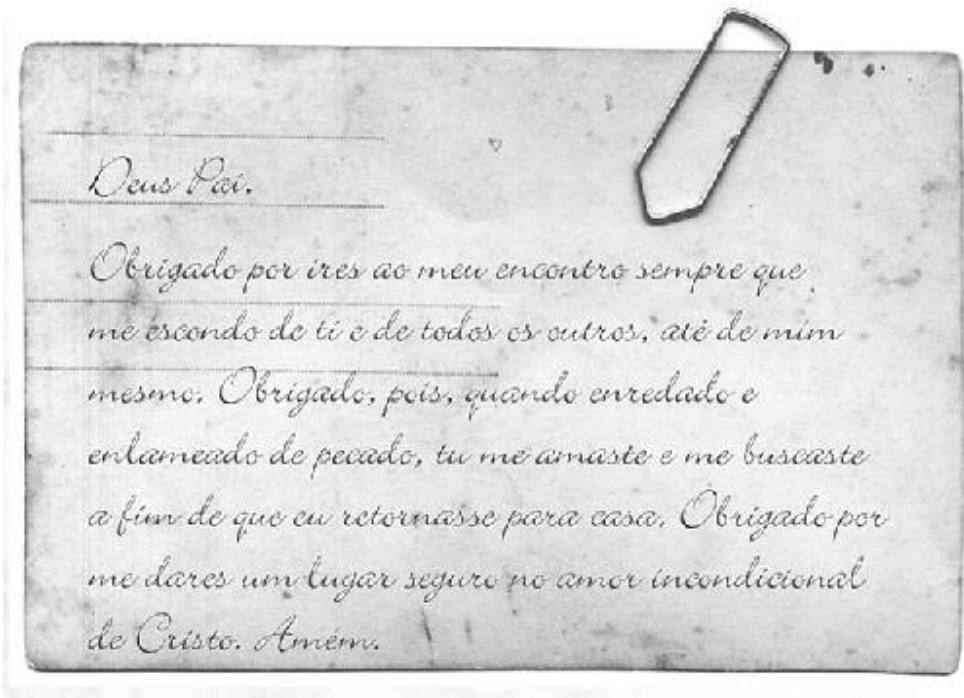
Deus é o pai que correu ao filho pródigo quando este chegou em casa manquejando. Deus chora por nós quando a vergonha e o ódio de nós próprios nos paralisam. Deus nos ama como realmente somos — quer gostemos disso, quer não —, e nos chama, como chamou a Adão, para sairmos de nosso esconderijo seguro. Nenhuma quantidade de maquiagem espiritual nos poderá tornar mais apresentáveis diante dele. “Venha para mim agora”, diz Jesus. “Reconheça e aceite o que quero ser para você: um Salvador de compaixão infinita, de paciência ilimitada, de um perdão difícil de aceitar e de um amor que não mantém nenhum registro de erros.”

Acontecia sempre de nunca me sentir seguro comigo, a menos que desempenhasse de modo perfeito. Inconscientemente, eu havia projetado para Deus as sensações que eu nutria sobre mim mesmo. Sentia-me seguro com ele apenas quando me achava nobre, generoso e amoroso, sem cicatrizes, medos ou lágrimas. Perfeito!

Foi quando abandonei o esconderijo, numa manhã radiante, num retiro bem nas Montanhas Rochosas do Colorado. Jesus retirou de sobre mim a mortalha do desempenho perfeccionista, e eu, agora perdoado e livre, corri para casa. Isso porque percebi que Alguém esperava por mim. Impactado nas profundezas da alma, com lágrimas rolando sobre cada face, internalizei e por fim senti todas as palavras que um dia escrevi e proferi sobre o Amor persistente, inabalável. Naquela manhã, entendi que palavras não passam de palha se comparadas à Realidade. Foi quando dei um salto, deixando a condição de simples professor do amor de Deus para me tornar o deleite de Aba. Despedi-me do sentimento de pavor e disse shalom ao sentimento de segurança.

Que significa sentir-se em um lugar seguro? Naquela tarde registrei em meu diário:

Sentir-me seguro é deixar de viver na mente, descer fundo ao coração e sentir que sou querido e aceito... sem precisar mais me esconder ou me distrair com livros, televisão, filmes, sorvete, conversas superficiais... permanecendo no presente sem escapar para o passado, nem me projetar no futuro, alerta e atento ao agora... sentindo-me tranquilo e não nervoso ou tenso... sem necessidade alguma de impressionar ou deslumbrar as pessoas ou chamar a atenção para mim... Sem reservas, uma nova maneira de estar comigo mesmo, uma nova maneira de me conduzir no mundo... calmo, sem temores, nenhuma ansiedade sobre o que acontecerá no momento seguinte... amado e valorizado... simplesmente com tudo ajustado como um fim em si mesmo.

A handwritten note on lined paper with a paperclip. The text is written in cursive and expresses gratitude to God the Father for His love and sacrifice for the writer. The note is pinned to a white background with a silver paperclip.

Deus Pai.

Obrigado por ir ao meu encontro sempre que me escondo de ti e de todos os outros, até de mim mesmo. Obrigado, pois, quando enredado e enlameado de pecado, tu me amaste e me buscaste a fim de que eu retornasse para casa. Obrigado por me dares um lugar seguro no amor incondicional de Cristo. Amém.

"... eu me gloriarei ainda mais alegremente em minhas fraquezas, para que o poder de Cristo repouse em mim."

2Coríntios 12.9

capítulo 2

Amado

“... Estava à mesa, ao lado de Jesus, um de seus discípulos, aquele que Jesus amava. [...] reclinando-se sobre o peito de Jesus.”

João 13.23,25, BJ

“... eu sabia haver somente um lugar para onde correr. Desci até o centro da alma, quietei-me e ali parei para escutar as batidas do coração do Mestre.”

B. Manning

Desde o primeiro instante de nossa existência, nosso mais profundo anseio é cumprir o propósito original de nossa vida, como mostra o cântico atribuído a Ricardo de Chicester, do século 13: “... mais claramente ver-te, mais intensamente amar-te, mais proximamente seguir-te...”. Somos feitos para Deus, e nada mais nos satisfará de verdade. O desejo mais profundo do nosso coração é unir-nos a ele.

Procure um verdadeiro contemplativo — não alguém que ouve vozes angelicais e tem visões estonteantes de querubins, mas aquele que encontra Deus com confiança pura. O que lhe dirá essa pessoa? Veja o que responde Thomas Merton: “Entregue sua pobreza ao Senhor e reconheça diante dele sua nulidade. Quer você entenda, quer não, Deus o ama, está presente em você, vive em você, habita em você, chama-o, salva-o e oferece-lhe uma compreensão e uma compaixão diferentes de tudo o que você jamais encontrou em algum livro ou ouviu em algum sermão”.³



Pai de amor,

*ajuda-me a experimentar a realidade
de ser aquele a quem Jesus ama.*

Amém.

capítulo 3

Perdoado

“Que acontece quando pecamos e fracassamos [...] quando a vida está caindo aos pedaços?”

B. Manning

“Fé é a coragem de aceitar ser aceito.”

B. Manning

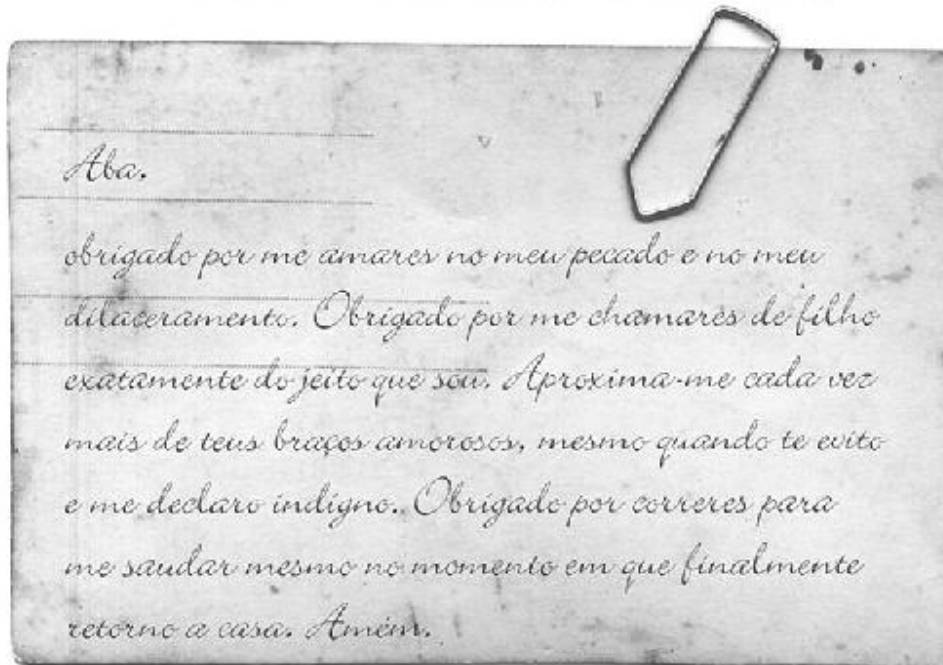
Uma das contradições mais chocantes da igreja americana é a profunda aversão que muitos discípulos de Jesus nutrem por si mesmos. Estão mais insatisfeitos com as próprias falhas do que jamais imaginariam estar em relação às de qualquer outra pessoa.

Nos meus 8 anos de idade, nasceu em mim, como forma de defesa contra o sofrimento, o impostor, ou o falso eu. O impostor que vive em mim sussurrava: “Brennan, jamais seja quem você de fato é, porque ninguém gosta de você como é. Invente um novo eu a que todos admirem e ninguém conheça”. Tornei-me assim um bom menino: cortês, educado, discreto e respeitoso. Estudei com afinco, tirei as melhores notas, granjeei uma bolsa de estudos para o ensino médio, e a cada momento fui perseguido pelo pavor do abandono e da sensação de não ter ninguém ao meu lado.

Minha mente e meu coração, divorciados um do outro, arrastaram-se profundamente por todo o meu ministério. Durante dezoito anos proclamei as boas notícias do amor apaixonado e incondicional de Deus — completamente convicto na mente, mas sem senti-las no coração. Nunca me senti amado. Por fim, porém, após um intenso retiro em que busquei sondar o meu interior, vim a perceber que era verdadeiramente amado. No instante em que apreendi essa verdade monumental, comecei a prantear e a soluçar. Depois de esvaziar o cálice da minha dor, algo notável aconteceu: ouvi ao longe som de música e dança. Eu era ali o filho pródigo voltando para casa, manco; não um espectador, mas um participante. O impostor

desvaneceu, e entrei em contato com o meu verdadeiro eu, como o filho de Deus que havia retornado.

“Venha para mim agora”, diz Jesus. “Pare de projetar sobre mim o que sente a seu respeito. Neste momento sua vida é um caniço rachado que eu não quebrarei, um pavio fumegante que não apagarei. Você está num lugar seguro”. Você é amado.



“Não quebrará o caniço rachado, não apagará o pavio fumegante, até que leve à vitória a justiça.”

Mateus 12.20 (cf. Is 42.3)

capítulo 4

Médicos feridos

“Aquilo que nos recusamos a entregar não pode ser curado.”

B. Manning

*“A serviço do Amor apenas
soldados feridos podem engajar-se.”*

Thornton Wilder

*Na peça *The Angel That Troubled the Waters* [O anjo que agitava as águas], baseada em João 5, Thornton Wilder dramatiza o poder do tanque de Betesda de curar as pessoas toda vez que um anjo agitasse suas águas. Um médico enfermo implora por ajuda, mas um anjo insiste em dizer que essa cura não é para ele. O anjo diz: “Sem suas feridas, onde estaria seu poder? [...] A serviço do Amor apenas soldados feridos podem engajar-se”.*

Os cristãos que permanecem no esconderijo continuam a viver uma mentira. Negamos a realidade do nosso pecado. Numa tentativa inútil de apagar o passado, privamos a comunidade de nosso dom curador. Se ocultamos nossas feridas, por temor ou vergonha, nossa escuridão interior não pode ser nem iluminada, nem tornar-se uma luz para os outros. Quando, porém, ousamos viver como homens e mulheres perdoados, unimo-nos aos médicos feridos e aproximamo-nos de Jesus.

Quando lidamos com nosso egoísmo e nossa estupidez, fazemos as pazes com o impostor e aceitamos o fato de estar empobrecidos e dilacerados, percebendo que, se assim não fora, seríamos Deus. A arte da gentileza para com nós mesmos nos leva a ser gentis com os outros — e é um pré-requisito natural para nosso acesso a Deus em oração.

*Em seu livro *The Wounded Healer* [O médico ferido], Henri Nouwen mostra que a graça e a cura são transmitidas pela vulnerabilidade de homens e mulheres que foram fraturados pela vida e por ela tiveram*

o coração partido. Os Alcoólicos Anônimos (AA) são uma comunidade de médicos feridos. Assim escreveu o psiquiatra James Knight:

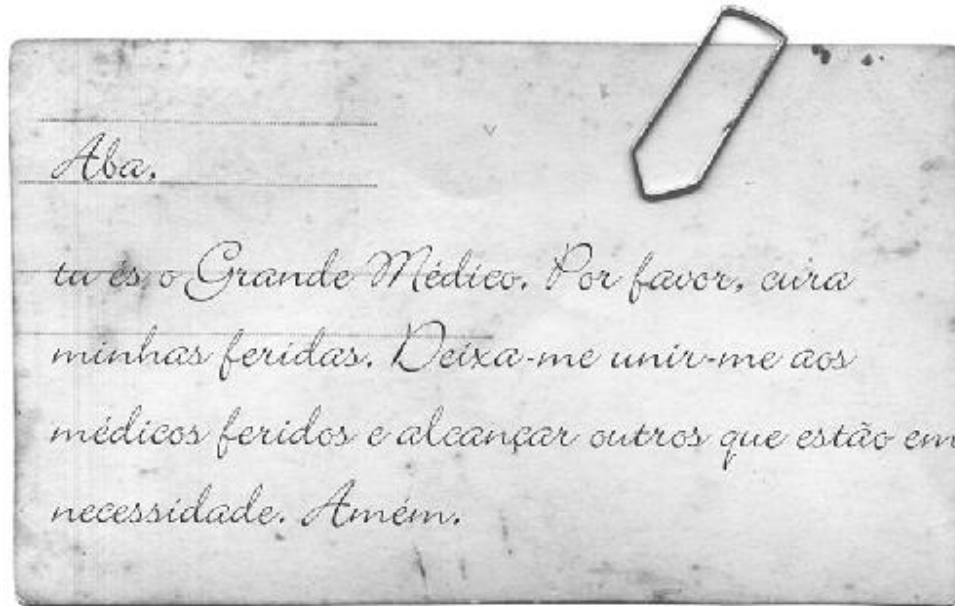
Para essas pessoas, o alcoolismo e seus consequentes malefícios lhes deixaram a vida totalmente desprovida e as empurraram para a beira da destruição. Quando essas pessoas ressurgem das cinzas infernais do catifeiro que vicia, passam a ter entendimento, sensibilidade e a boa vontade de ter e manter encontros curadores com seus companheiros alcoólatras. Nesse encontro, não podem e não se permitirão esquecer seu dilaceramento e vulnerabilidade. Suas feridas são reconhecidas, aceitas e mantidas à mostra. Mais ainda, suas feridas são usadas para iluminar e para estabilizar sua vida, enquanto lutam por trazer a cura da sobriedade a seus irmãos e irmãs alcoólatras, e às vezes a seus filhos e suas filhas. A eficácia dos membros dos AA no cuidado e no tratamento de seus companheiros alcoólatras é uma das maiores histórias de êxito de nossos tempos, e ilustra de modo vívido o poder das feridas, quando usadas criativamente para aliviar o peso da dor e do sofrimento (grifo do autor).⁴

Rainer Maria Rilke, em Letters to a Young Poet [Cartas a um jovem poeta], explica a eficácia de seu dom: “Não acredite que quem procura confortá-lo vive serenamente entre as palavras simples e tranquilas que às vezes fazem bem a você. A vida dele tem muita dificuldade e tristeza, e permanece bem atrás da que você leva. Não fosse assim, ele jamais teria conseguido encontrar essas palavras”.⁵

As próprias feridas de dor e de tristeza científicaram Rilke de sua pobreza interior e criaram um vazio que se tornou o espaço vago em que Cristo podia despejar seu poder curador. Aqui havia um eco do grito de Paulo: “... tomei com alegria a decisão de me orgulhar de minhas fraquezas, pois elas significam uma experiência mais profunda do poder de Cristo” (2Co 12.9, BJ).

A decisão de sair do esconderijo é nosso rito de iniciação no ministério curador de Jesus Cristo. Traz a própria recompensa.

*Permanecemos na verdade que nos liberta e vivemos a partir da
Realidade que nos torna inteiros.*



“Deus tem uma longa tradição de usar o insignificante para conquistar o impossível.”

Richard Exley

“Meça sua vida pelas perdas e não pelos ganhos; não pelo vinho consumido, mas pelo vinho oferecido, pois a força do amor se põe em sacrifício do amor, e o que mais sofre mais tem para dar.”

Hudson Taylor

capítulo 5

O impostor

“Miserável homem que eu sou!”

Romanos 7.24

*“Cada um de nós é eclipsado por uma pessoa ilusória: um
falso eu.”*

Thomas Merton

*“Nisto consiste o amor: não fomos nós que amamos a Deus,
mas foi ele quem nos amou e enviou-nos o seu Filho como
vítima de expiação pelos nossos pecados.”*

1João 4.10, BJ

O conceito de pecado de Thomas Merton não se centra em atos pecaminosos isolados, mas fundamentalmente no ato de optarmos por uma vida de fingimento. A vida em torno do falso eu gera o desejo compulsivo de apresentar ao público uma imagem perfeita, de modo que todos nos admirem e ninguém nos conheça. “Só pode haver dois amores fundamentais”, escreveu Agostinho, “o amor a Deus, numa negligência do meu eu, ou o amor do eu, numa negligência de Deus.”

Merton disse que a vida dedicada à sombra é uma vida de pecado. Pequei em minha recusa covarde — por temer ser rejeitado — de pensar, de sentir, de agir, de responder e de viver a partir do meu eu autêntico. Recusamos ser nosso verdadeiro eu até mesmo com Deus — e depois nos perguntamos por que nos falta intimidade com ele.

O ódio pelo impostor é na verdade o ódio de si mesmo. O impostor e eu constituímos uma só pessoa. O desprezo pelo falso eu dá vazão à hostilidade, o que se manifesta como irritabilidade geral — irritação pelas mesmas faltas nos outros que odiamos em nós mesmos. O ódio próprio sempre redundando em alguma forma de comportamento autodestrutivo.

Aceitar a realidade da nossa pecaminosidade significa aceitar o nosso eu autêntico. Judas não conseguiu encarar sua sombra; Pedro conseguiu. Este fez as pazes com o impostor interior; aquele se levantou contra ele. Quando aceitamos a verdade do que realmente somos e a rendemos a Jesus Cristo, somos envoltos em paz, quer nos

sintamos em paz, quer não. Quero dizer com isso que a paz que ultrapassa o entendimento não é uma sensação subjetiva de paz; se estamos em Cristo, estamos em paz, mesmo quando não sentimos nenhuma paz.

O Mestre nos diz: “Queime as velhas fitas que lhe giram na cabeça; elas o atam e o aprisionam, reduzindo-o a um estereótipo autocentrado. Escute a nova canção de salvação escrita para os que se sabem pobres. Abra mão do medo que sente do Pai e do desagrado que sente por si mesmo. O Pai das Mentiras torce a verdade e deturpa a realidade. Ele é o autor da insegurança e do ceticismo, da desconfiança e do desespero, do pensamento doentio e do ódio próprio. Eu sou o Filho da Compaixão. Você pertence a mim, e ninguém o arrancará de minha mão”.

Jesus revela os verdadeiros sentimentos de Deus em relação a nós. Ao virarmos as páginas dos evangelhos, descobrimos que as pessoas que Jesus lá encontra são você e eu. O entendimento e a compaixão que ele oferece a elas, ele também estende a você e a mim.

Ao final daquele retiro especial no Colorado, escrevi uma carta para mim mesmo, para o meu impostor. Encerrei a carta escrevendo: “Quanto maior o tempo na presença de Jesus, mais você ficará acostumado com sua face e de menos adulação necessitará, porque terá descoberto por si mesmo que ele é suficiente. E, nessa Presença, você se encantará com a descoberta do que significa viver pela graça e não pelo desempenho”.



Abá Pai.

enchê-nos de alegria saber que, como filhos teus, podemos falar honestamente contigo a qualquer momento, em qualquer lugar, sob quaisquer circunstâncias. Não precisamos de máscaras, mas podemos chegar-nos a ti abertamente, sujos e esfarrapados, com todos os nossos pecados e nosso dilaceramento. Obrigado por tua graça, que a tudo cobre por meio de Jesus Cristo. Amém.

"Se alguém confessa publicamente que Jesus é o Filho de Deus, Deus permanece nele, e ele em Deus. Assim conhecemos o amor que Deus tem por nós e confiamos nesse amor."

1João 4.15-16

capítulo 6

Gente como a gente

“Porque Deus tanto amou o mundo que deu o seu Filho Unigênito, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna.”

João 3.16

“Defina-se radicalmente como alguém amado por Deus.”

John Eagan

John Eagan, que morreu em 1987, era um homem comum. Professor de ensino médio pouco aclamado, gastou trinta anos ministrando à juventude. Nunca escreveu um livro, nunca apareceu na televisão, nunca converteu as massas, nem jamais construiu uma reputação de santidade. Comia, dormia, bebia, percorria os Estados Unidos de bicicleta, perambulava pelas florestas, dava aula e orava. Ele mantinha um diário, que foi publicado pouco depois de sua morte. É a história de um homem comum, cuja alma foi seduzida e profundamente marcada por Jesus Cristo.

Assim se lê na introdução do livro: “O diário de John Eagan mostra que nós mesmos somos os maiores entraves à nobreza da nossa alma — que é o significado de ‘santidade’. Consideramo-nos servos indignos. E esse juízo torna-se profecia autocumprida. Consideramo-nos tão sem importância, que dificilmente cremos poder ser usados mesmo por um Deus capaz de fazer milagres com nada mais que barro e saliva. E assim nossa falsa humildade acorrenta um Deus que deveria ser onipotente”.⁶

Eagan, um homem imperfeito, com defeitos de caráter e fraquezas inegáveis, aprendeu que esse dilaceramento condiz com a condição humana, que precisamos perdoar a nós mesmos por não sermos amorosos, por sermos incoerentes, incompetentes, irritáveis e indisciplinados. Ele sabia que seus pecados não podiam afastá-lo de Deus. Todos tinham sido redimidos pelo sangue de Cristo. Em seu

arrependimento, ele levou para a cruz o seu eu sombrio e ousou viver como um homem perdoado.

Lutando para encolher o eu ilusório, Eagan buscou levar uma vida de oração contemplativa com fidelidade implacável. Durante um de seus retiros dirigidos e silenciosos de oito dias, que costumava fazer todos os anos, visitou seu conselheiro espiritual:

[O conselheiro] declara algo que ponderarei por muitos anos; ele o declara de forma muito refletida. Peço que o repita para que eu possa anotar. “John, o centro de tudo é isto: fazer do Senhor e de seu imenso amor por você o seu valor pessoal. Defina-se radicalmente como alguém amado por Deus. O amor de Deus por você e o fato de ele o haver escolhido constituem o valor que você detém. Aceite esse fato e deixe que passe a ser o que há de mais importante em sua vida.”

Então debatemos sobre o que me disse. A base do meu valor pessoal não são minhas posses, meus talentos, a estima que eu receba de outros, a reputação [...], o elogio e a apreciação de pais ou filhos, o aplauso, muito menos todos dizendo-lhe como você é importante para aquele lugar [...]. Estou agora ancorado no Deus diante de quem permaneço nu, esse Deus que me diz: “Você é meu filho, meu amado” (grifo do autor).⁷

O eu comum é o eu extraordinário — aquele ninguém despercebido que treme no frio do inverno e transpira no calor do verão, que desperta para o novo dia precisando ser reconciliado, que se senta diante de uma pilha de panquecas, zigzagueia no trânsito, faz arruaças no porão, faz compras no supermercado, arranca as ervas daninhas e tira as folhas com o rastelo, faz amor e bolas de neve, solta pipa e escuta o som da chuva no telhado.

O impostor extrai sua identidade das conquistas do passado e da adulação das pessoas; já o verdadeiro eu reivindica sua identidade com base no fato de ser amado. Encontramos Deus no corriqueiro da

vida: não na busca por picos espirituais e por experiências místicas extraordinárias, mas simplesmente no fato de existirmos.

Deus criou-nos para a união com ele. Esse é o propósito original de nossa existência. E Deus é definido como amor (1Jo 4.16). Viver com a percepção de quanto somos amados é o eixo em torno do qual gira a vida cristã. Ser amados é a nossa identidade, o âmago da nossa existência. Não se trata apenas de um pensamento que reflete nosso senso de grandeza. É o nome pelo qual Deus nos conhece, e o meio de ele se relacionar conosco (Ap 2.17).

Quando preciso buscar uma identidade externa a mim, sou então atraído pelo acúmulo de riquezas, poder e honra. Posso também encontrar meu centro gravitacional nos relacionamentos. Quando extraio vida e significado de qualquer outra fonte que não o fato de eu ser amado, estou espiritualmente morto. Quando Deus é relegado a segundo plano, por trás de qualquer badulaque ou bugiganga, troquei a pérola de grande preço por fragmentos colorizados de vidro.

“Quem sou eu?”, perguntou Thomas Merton, ao que ele mesmo respondeu: “Sou alguém amado por Cristo”.⁸

Mike Yaconelli, cofundador do Youth Specialties [Especialidades para a Juventude],⁹ conta sobre a época em que, abatido e desmoralizado, fez um retiro de cinco dias numa comunidade religiosa para pessoas com limitações físicas e mentais, sob a pregação de Henri Nouwen.

Yaconelli relata assim sua história:

Por fim aceitei meu dilaceramento [...]. Sabia que estava destroçado. Sabia que era um pecador. Sabia que decepcionava a Deus continuamente, mas nunca tinha podido aceitar essa parte de mim. Ela me envergonhava. Vez após vez eu sentia a necessidade de me desculpar, de fugir de minhas fraquezas, de negar quem eu era e de me concentrar em quem deveria ser. Estava dilacerado, sim,

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "O obstinado amor de Deus" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).